

O ALTO RIBATEJO E O MEDITERRÂNEO. ESPAÇO CONTÍNUO OU HIERARQUIZADO?

por

Luiz Oosterbeek *

Resumo: O processo de diversificação e complexificação social, económica e cultural, designado por “neolitização”, não pode ser entendido fora de uma aproximação às noções de Espaço que enformaram esse processo. Apresenta-se os dados da investigação numa região de charneira, o Alto Ribatejo, e os sucessivos enquadramentos espaciais daquela região., entre 5000 e 2000 a.C. Revê-se as convergências ibéricas, mediterrânicas e com a Europa atlântica, defendo-se um modelo de desenvolvimento desigual mas combinado numa rede de interações. O modelo é testado segundo diversas variáveis, à luz das quais se procura superar a dicotomia entre os modelos difusionistas e os modelos poligenéticos propostos por diversos autores.

Palavras-chave: Neolitização. Diversificação. Integração.

O processo de diversificação e complexificação social, económica e cultural, designado por “Neolitização”, não pode ser entendido fora de uma aproximação às noções de espaço que enformaram esse processo. A investigação que, em conjunto com Ana Rosa Cruz, tenho conduzido no Alto Ribatejo, permitiu identificar mais de uma centena de estações arqueológicas que se distribuem, no tempo, entre o VII^o e o início do II^o milénio (em anos de calendário), e cujo estudo permite levantar algumas questões relativas ao referido processo.

Penso que a Neolitização foi um processo contraditório que, tendo a sua origem no Próximo Oriente (Ammerman/Cavali-Sforza 1984), se constrói na Península sobre um conjunto de *nexus*, que se agrupavam no mesolítico em diversas redes (Camps 1976; Fortea/Oliver 1985), algumas das quais têm designações cujo alcance por vezes não é entendido sob esta forma (por exemplo, o “Castelnovense” ou o “Languedocense”). Estas redes de informação e intercâmbio constituem os limites do “Mundo” de cada um dos seus componentes (os grupos humanos que as integram), tendendo potencialmente para a sua expan-

* Escola Superior de Tecnologia de Tomar. Quinta do Contador, Estrada da Serra, P-2300 TOMAR, tel. 321642 - fax. 321750.

são. Tais redes, que tendem igualmente para a inter-penetração, não são fundamentalmente governadas por factores como a pressão populacional ou a conjuntura ambiental e ecológica. A tradição cultural de cada grupo integrante e, em última análise, a escolha socialmente determinada, deverão ter sido tais factores primordiais.

O Alto Ribatejo, pela sua natureza de espaço de convergência e transição, oferece-se como uma região de eleição para a abordagem deste processo. A região gravita em torno do médio Tejo e dos seus principais afluentes e sub-afluentes (Zêzere, Almonda, Nabão,...), abrindo-se para o Maciço Calcáreo Estremenho, a bordadura ocidental da orla Meso-Cenozóica e a bacia Terciária do Tejo recoberta por espessos depósitos de aluvião (Oosterbeek 1987).

Na centena de estações identificadas na região, cerca de doze foram objecto de escavações e relatórios mais ou menos extensos: *Gruta do Caldeirão* (Zilhão 1987, 1990, 1992), *Gruta do Cadaval* (Cruz/Oosterbeek 1985; Oosterbeek 1985a, 1985b), *Gruta dos Ossos* (Oliveira/Oosterbeek 1987; Oosterbeek 1993b; Cruz 1991), *Gruta de Nossa Senhora das Lapas* (Oosterbeek 1993d), *Povoado da Fonte Quente* (Oosterbeek/Cruz 1992) todas no vale do Nabão; *Anta 1 de Val da Laje* (Drewett et al. 1992, Oosterbeek/Cruz/Félix 1992) no vale do Zêzere; *Povoado da Amoreira* (Oosterbeek/Cruz 1993) no vale do Tejo; *Gruta da Nascente do Rio Almonda* (Nogueira et al. 1941; Zilhão/Maurício/Souto 1991), *Lapa da Bugalheira* (Paço/Ferreira 1971; Maurício 1986), *Necrópole das Lapas* (Almeida/Ferreira 1959), *Lapa da Galinha* (Sá 1959; Gonçalves 1978), *Gruta dos Carrascos* (Gonçalves/Pereira 1977), *Gruta da Rexaldia* (Oosterbeek 1988; Oosterbeek/Cruz et al. 1992) na região de Torres Novas/Alcanena. A estas podem associar-se cinco importantes colecções de superfície, particulares, a que tive acesso: *Povoado do Maxial* (Inácio/Santos 1992) no vale do Zêzere e *Povoados de Coalhos, Barreira Vermelha, Tramagal e Constância* (Oosterbeek 1993c) no vale do Tejo.

Sempre que possível, estas estações foram analisadas sob várias vertentes: estratigrafia, materiais, distribuição espacial e cronologia absoluta, sugerindo diversas seqüências.

CULTURA MATERIAL

Foram definidos sete momentos:

- Mesolítico Languedocense, caracterizado por conjuntos de seixos afeixoados, raros micrólios em sílex e presença ocasional de pedra polida, em que a percentagem de peças retocadas é inferior a 10%;
- Neolítico antigo com cerâmica cardial (Zilhão 1992);

— Neolítico antigo de tradição cardial, com domínio de peças sobre lasca e sobre lâmina, ascendendo as peças retocadas a 25% e as obtidas por pressão a 20%;

— Neolítico Languedocense, marcado por um aumento das pontas e outras peças sobre lasca, subindo as peças retocadas para 30%, associadas a cerâmica em que dominam os esféricos baixos, lisos e de pequenas dimensões;

— Neolítico médio de tradição cardial, que em contexto sepulcral inclui mais de 50% de peças retocadas, cerca de 30% de peças obtidas por pressão e cerca de 20% de peças polidas;

— Neolítico final/Calcolítico, em que se definem grupos de cariz regional com tradições diferenciadas e mistas, e em que globalmente se definem uma tendência de continuidade em relação à tradição cardial (surgindo as taças baixas associadas a carenas médias e colos altos, com profusa decoração) e outra associada ao megalitismo (com domínio das taças em calote, e ocorrência de taças baixas, carenas baixas, pratos e colos baixos, sem decoração);

— Campaniforme/Bronze inicial, sem características unitárias e dominado pela ocorrência de elementos aparentemente intrusivos nas sequências locais, como a cerâmica campaniforme).

Em todas os contextos estudados, não há diferenciação significativa ao nível da indústria óssea, assistindo-se ao nível dos ornamentos e peças de carácter simbólico uma presença crescente de elementos de filiação distante (réplicas em pedra de conchas perfuradas no Megalitismo inicial de tradição lítica Languedocense, placas de xisto, falages de cavalo pintadas, ídolos de cornos, cobre, ...).

DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL

As estações do Neolítico antigo cardial ou de tradição cardial confinam-se aos relevos calcáreos (*Gruta do caldeirão*, *Gruta das Andorinhas*, *Gruta da Nascente do Rio Almonda*, *Gruta de Nossa Senhora das Lapas*, etc.), sendo as restantes áreas dominadas pela tradição Languedocense. Esta, que numa primeira fase (Mesolítico), ocorre em todo o Alto Ribatejo (por exemplo em *Juncais de Baixo*, no vale do Nabão, *Val da Laje*, no Zêzere, ou *Pedreira*, no vale do Tejo), não se regista numa segunda fase (Neolítico) nas zonas calcáreas.

Aparentemente, o Neolítico de tradição cardial terá sido introduzido na região, talvez a partir da via natural formada pelos vales do Mondego, Soure e Nabão, como um “pacote” pré-formado, a partir do litoral Atlântico (se se tiver em conta a dominância costeira deste horizonte - Guilaine/Ferreira 1970; Lewthwaite 1986, 1992; Vilaça 1987; Zilhão 1992; Oosterbeek 1993c), previ-

legiando os terrenos leves (arenosos e de substrato calcáreo), susceptíveis da prática do cultivo de cereais associado à predação de recursos marinhos/estuarinos e terrestres. As estações deste tipo no Alto Ribatejo localizam-se na proximidade de solos leves, provavelmente cobertos por uma floresta de *Quercus spp* que albergaria uma ampla gama de animais de pequeno e médio porte, a que se associaria uma rica fauna fluvial e outros recursos importantes, como o silex.

Esta restrição espacial do Neolítico de tradição cardial não implica, contudo, o despovoamento das outras áreas. Tal possibilidade, embora existente, implicaria que as populações das zonas calcáreas, embora deslocando-se pelo menos até ao vale do Zêzere (para obtenção de anfíbolite), teriam optado por não se estabelecerem aí, sem outra razão para além de um determinismo ambiental regulador do comportamento humano. Contudo, a presença de um elevado número de estações languedocenses com cerâmica, a partir do V^o milénio pelo menos, nos vales do Zêzere e Tejo (*Anta 1 de Val da Laje, Povoado da Amoreira, Bonito, Quinta do Mainante, Casal da Cré, Alcolobre, Bom Sucesso, etc.*), sugere que tal expansão não se verificou porque estas áreas estavam ocupadas por outros grupos. O povoado da *Amoreira*, cuja implantação na margem direita do Tejo sobre o terraço de 50 metros é típica destes assentamentos, revelou um acampamento com buracos de poste de um possível para-vento ou grande tenda, na margem de um pequeno ribeiro afluente do Tejo. Estas estações de habitat, regra geral com cerca de 300 a 400 metros quadrados de área, apresentam uma grande densidade de artefactos sobre seixo, ocorrendo igualmente cerâmica e pedra polida. Estas estações mantêm boa visibilidade sobre o Tejo e entre si, e a caça e pesca são, aparentemente, as actividades dominantes (Oosterbeek 1993c).

A possibilidade de estes acampamentos corresponderem a ocupações temporárias ou sazonais das populações de tradição cardial, se bem que possa ser levantada pela ausência de necrópoles languedocenses conhecidas e pela ausência de povoados do Neolítico antigo no vale do Nabão, deverá ser rejeitada quer pela total divergência da cultura material, quer pela ausência de vestígios de reocupação dos locais languedocenses (com raras excepções) e pelo facto de a tradição Languedocense ser mais antiga (Raposo/Silva 1984; Vaquer 1989, 1990; Arnaud 1993; Bailey 1977; S.Jorge 1990a; V.Jorge 1990b).

Uma outra possibilidade é a de estes habitats corresponderem a grupos nómadas, que no 6^o e 5^o milénio manteriam contactos quer com grupos Neolíticos (como os do vale do Nabão, onde ocasionalmente ocorrem artefactos Languedocenses), quer Mesolíticos (como na região de Salvaterra de Magos, onde os concheiros de Muge se implantam nas proximidades de estações Languedocenses, como *Porto Sabugueiro*, na margem esquerda do Tejo). Nesta perspectiva, os grupos Languedocenses poderão ter jogado um papel relevante

nos processos de intercâmbio de matérias primas (silex, anfíbolite,...) e mesmo de inovações tecnológicas (pedra polida, agricultura?), sem contudo as integrar no seu modo económico. Esta eventualidade permitiria igualmente explicar a importância dos macro-artefactos sobre seixo: populações com um elevado índice de mobilidade reduziriam ao mínimo a utensilagem a transportar, que seria possivelmente de reduzidas dimensões (e não abandonada, pelo que é escasso o volume de micrólitos e pequenas peças nos conjuntos escavados). Complementarmente, nos assentamentos de curta duração, seria produzido abundante material “descartável”, sobre matérias primas locais, que seria abandonado quando o grupo se deslocava (constituindo a aparente dominância dos seixos afeiçãoados que se observa nos contextos estudados).

A transição do Mesolítico para o Neolítico, nesta primeira fase cobrindo o VI^o e V^o milénios, não corresponderia a uma simples substituição, mas a um processo mais complexo, em que um mosaico de tradições (cardial, Languedocense, Mugense, etc.) coexistiriam em intercâmbio, mas sem necessária competitividade. Em última análise, todos estes grupos poderão incluir-se num mesmo sistema, ou processo histórico, que decorre das redes de intercâmbio que dominam o Mediterrâneo já no Mesolítico (Arnaud/Bento 1988).

A partir de meados do IV^o e até finais do III^o milénios, assiste-se a uma complexificação acrescida deste mosaico inicial. O número crescente de estações, a raridade dos locais de habitat, com o surgimento complementar de grandes povoados como o *Maxial* (no vale do Zêzere, com vestígios de fortificação) e o investimento crescente em objectos simbólicos, marcam esta nova fase.

Verifica-se uma tendência para a necropolização (Oosterbeek/Cruz 1991; Oosterbeek 1992, 1993a; Jorge 1986, 1989; S. Jorge 1990b; V.Jorge 1990a), evidenciada na zona dos canteirões do Nabão ou no Val da Laje, com distâncias inferiores a 12 minutos entre os locais de enterramento (antas ou grutas) de cada grupo, e distâncias superiores a três horas entre os enterramentos e os locais de habitat, definindo espaços sagrados para os mortos. As necrópoles situam-se perto dos cursos de água e dos solos de classe A, enquanto os povoados tendem a afastar-se dos rios para distâncias de cerca de 30 minutos e ocupam solos de pior qualidade, fenómeno que igualmente se observa noutras regiões. No termo desta fase, toda a região se encontra povoada por estações “Neolíticas”, ainda que com filiações distintas em termos extra-regionais (pratos de bordo almendrado e ídolos de cornos no *Povoado do Maxial*, placas de xisto na *Anta 1 de Val da Laje* e *Lapa da Galinha*, falanges de cavalo na *Lapa da Bugalheira*, cerâmica de caneluras leves nas Grutas do *Cadaval* e dos *Ossos*).

Com o Campaniforme, no final do III^o milénio, surgem grandes povoados sem defesas artificiais (*Povoado da Fonte Quente*, *Povoado do Tramagal*),

embora por vezes com sistemas de controle visual do território (*Povoado da Fonte Quente*), que em conjunto com a metalurgia e elementos de inovação tecnológica (tracção animal evidenciada por relhas de arado e crescimento da fauna de bovídeos ?) tendem a “coroar” as sequências em toda a região, ainda que as tradições locais se mantenham por exemplo ao nível da cerâmica lisa.

AS DATAÇÕES ABSOLUTAS

As datações que se possuem para o Alto Ribatejo, com a excepção do *Povoado da Amoreira*, correspondem todas ao vale do Nabão:

ESTAÇÃO-CAM.	#	B P	±	HORIZONTE
AMR-C	I-17.332	7460	120	Mesol. Languedocense
CAL-Eb	ICEN-296	6870	210	Neol. Antigo Cardial
CAL-Eb	OxA-1035	6330	80	Neol. Antigo Cardial
CAL-Eb	OxA-1034	6230	80	Neo. Antigo Cardial
CAL-Eb	OxA-1033	6130	90	Neol. ntigo Cardial
CAL-Ea	OxA-1037	5970	120	Neol. Antigo trad. Cardial
CAL-Ea	OxA-1036	5870	80	Neol. Antigo trad. Cardial
CAL-Ea	TO-350	5810	70	Neol. Antigo trad. Cardial
GSL-B	ICEN-802	6100	70	Neol. Antigo trad. Cardial
CDV-D	ICEN-803	5390	50	Neol. Médio trad. Cardial
CDV-D	ICEN-464	5160	50	Neol. Médio trad. Cardial
GSL-A2	I-17.247	5130	140	Neol. Médio trad. Cardial
CDV-C	I-17.241	5180	140	Neol. Final trad. Cardial
CAL-D	TO-349	4940	70	Neol. Médio trad. Cardial
GRO	ICEN-465	4630	80	Neol. Final trad. Cardial
GRO	I-17.263	3970	140	Neol. Final trad. Cardial
PFQ	I-17.263	3790	120	Campaniforme
AGR	GX-15390	3560	145	Idade do Bronze

Contudo, se se atender à arquitectura e cultura material da Anta 1 de Val da Laje, e à sua clara filiação na tradição Languedocense, não será difícil admitir que a sua construção datará do Vº milénio BC, e que a sua camada B corresponderá ao IVº milénio. Semelhantes datações amplas poderão ser aceites para as outras estações mencionadas na região de Torres Novas/Alcanena. A limitação do número de datas, contudo, reforça a necessidade de uma cronolo-

gia muito larga, que em particular para o Neolítico final e Calcolítico se poderá vir a detalhar no futuro.

Cinco grandes fases podem ser definidas com base no que sumariei anteriormente:

Fase 1 (VII^o milénio): Mesolítico Languedocense;

Fase 2 (\pm 6500-4750): Neolítico antigo, com contextos de tradição cardial e de tradição Languedocense;

Fase 3 (\pm 4750-3750): Neolítico médio, com conservadorismo da tradição cardial em determinadas áreas (*Gruta do Cadaval*) e emergência do megalitismo nas áreas de mais forte tradição Languedocense (*Anta 1 de Val da Laje*);

Fase 4 (\pm 3750-2300): Neolítico final e Calcolítico, com definição de vários núcleos locais (canteirões do Nabão, Val da Laje, conjunto *Carrascos/Galinha*, etc.), marcados por uma interpenetração das duas tradições culturais, com prevalência de uma ou outra, e abertura crescente a outras regiões (Alentejo, Estremadura);

Fase 5 (\pm 2300-1600): Campaniforme e Bronze inicial.

Dentro deste quadro, são possíveis diversas variantes, que privilegiam os factores de assimilação ou acomodação em cada fase, e as distintas possibilidades de intercâmbio. Assim, para a fase 2, admite-se a existência de dois vectores de influência externa, um de origem costeira (via Mondego-Soure-Nabão), portador da cerâmica cardial e outro, afectando em primeiro lugar o vale do Tejo, proveniente do Sudeste peninsular por via terrestre/fluvia (e associado ao complexo Languedocense, via Guadalquivir-Guadiana-Tejo). A variante 1 considera fronteiras estáveis, com a tradição cardial a implantar-se inicialmente em áreas isoladas e progressivamente dominando toda a zona calcárea. A variante 2 considera uma articulação e interdependência entre todos os tipos de estações, dando preponderância ao input cardial na Neolitização do Tejo. A variante 3 considera padrões de povoamento sazonais, concebendo que apenas algumas comunidades Languedocenses entrariam em contacto com o Neolítico cardial costeiro, generalizando-se a partir daí os elementos “Neolitizantes” nos conjuntos Languedocenses (que na sua maioria permaneceriam mesolíticos). A variante 4 admite uma sazonalidade pura, atribuindo aos assentamentos Languedocenses do V^o milénio uma função complementar no sistema económico das populações cardiais.

Modelos e variantes similares podem ser construídos para as restantes fases, e serão detalhados noutra trabalho. O propósito do presente texto é apenas o de sublinhar a complexidade dos vestígios existentes e a natureza de “mosaico” com múltiplas tradições que domina todo o processo no Alto Ribatejo e, creio, em todo o Mediterrâneo ocidental.

BIBLIOGRAFIA

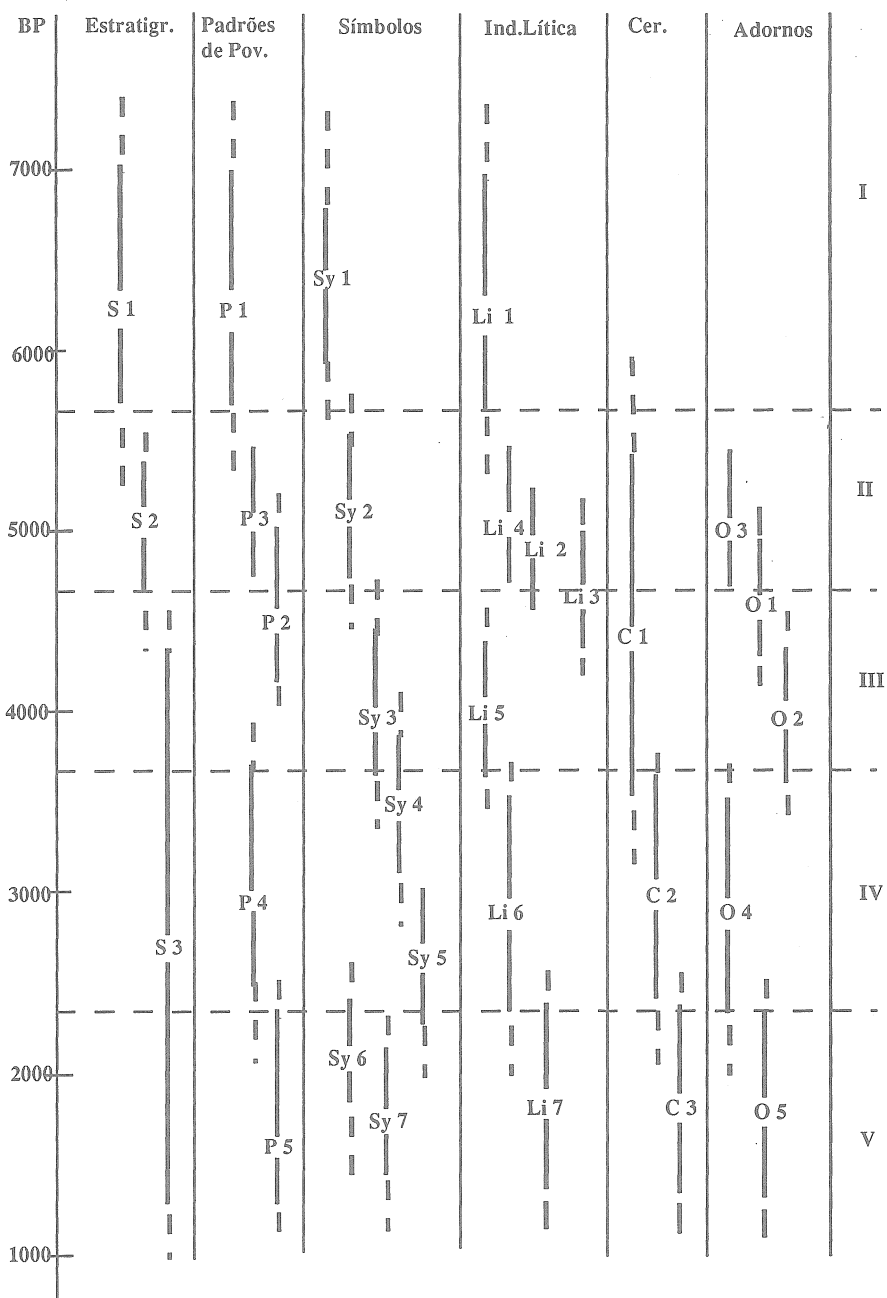
- ALEXANDER, J. (1977). The "frontier" concept in Prehistory: the end of the moving frontier. *Hunters, Gatherers and First Farmers Beyond Europe*. Leicester, Leicester University Press.
- ALMEIDA, D. F., O. VEIGA FERREIRA. (1959). Antiguidades de Torres Novas. Estação das Lapas. *Revista de Guimarães*. 69: 501-10, 3 lám.
- AMMERMAN, A. J., L.L. CAVALI-SFORZA. (1984). *The Neolithic transition and the genetics of populations in Europe*. Princeton, Princeton University Press.
- APARÍCIO PEREZ, J., J.S. VALERO APARISI. (1977). *La Cova Fosca (Ares del Maestre-Castellon) y el Neolítico Valenciano*. Valencia, Departamento de Historia Antigua-Universidad de Valencia.
- ARNAUD, J. M. (1978). O Megalitismo em Portugal: problemas e perspectivas. *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- ARNAUD, J. M. (1981). Le Neolithique Ancien et le Processus de Neolithisation au Portugal. Le Néolithique Ancien Méditerranéen *Actes du Colloque International de Préhistoire*. Montpellier.
- ARNAUD, J. E. M. (1985). The Mesolithic Communities of the Sado Valley, Portugal, in their Ecological Setting. C. Bonsall (ed.). *The Mesolithic in Europe*. Edinburgh, John Donald Publishers Ltd.
- ARNAUD, J. M. (1986). Post-glacial adaptations in Southern Portugal. *World Archaeological Congress*. Pré-publicação policopiada.
- ARNAUD, J. M., J.D. ALVES BENTO. (1988). Caracterização da ocupação pré-histórica da Gruta do Casal Papagaio (Fátima, Vila Nova de Ourém). *ALGAR*. 2: 27-34 (2 exempl.).
- ARNAUD, J. E. M. (1989). Mesolithic in Portugal: a report on recent research. *Mesolithic Miscellany*. 6(2): 11-15.
- ARNAUD, J.M. (1993), O Mesolítico e a Neolitização. Balanço e Perspectivas. G. S. de carvalho, A.B. Ferreira e J.C. Senna-Martinez (ed), *O Quaternário em Portugal. Balanço e Perspectivas*. Lisboa, ed. Colibri, 173-84.
- ASQUERINO-FERNANDEZ, M. D. (1977). Notas Sobre Periodización del Neolítico Español: el proceso de neolitización y el horizonte Cardial. *XIV Congreso nacional de Arqueologia (Vitoria 1975)*.
- BAILEY, G. N. (1973). Concheros del Norte de España: una hipótesis preliminar. *XII Congreso Nacional de Arqueologia (Jaen 1971)*.
- BARRETT, J. C. (1988). The living, the dead and the ancestors. Neolithic and early Bronze Age mortuary practices. Barrett, J.C., Kinnes, I. 1988. *The Archaeology of context in the Neolithic and Bronze Age*: 30-56.
- BATATA, C., F. GASPAR. (1993). Os Romanos, A Arqueologia e a Região de Tomar, *Cidade de Tomar* (série de artigos em curso de publicação).
- BRANCO, J. (1985). Gruta das Andorinhas. A pré-história. *O Morcego*. 3/4: 10.
- CAMPS, G. (1976). Navigations et relations interméditerranéennes Préhistoriques. G. Camps(ed.). *Chronologie et Synchronisme dans la Préhistoire Circum-Méditerranéenne*. Nice, Union Internationale des Sciences Préhistoriques et Protohistoriques.
- CASTRO, M. J. M. D. (1973). *Subsídios para a Carta Arqueológica do Concelho de Tomar*. (tese de licenciatura, policopiada).
- CRUZ, A. R., L.M. OOSTERBEEK. (1985). A Gruta do Cadaval: elementos para a Pré-

- História do Vale do Nabão. *Arqueologia na Região de Tomar*, 1: 61-76.
- CRUZ, A. R. (1991). Estudo Preliminar do Ossário da Gruta dos Ossos (Tomar). *Revista de Ciências Históricas da Universidade Portucalense Infante D. Henrique VI*: 91-121.
- DREWETT, P., L. OOSTERBEEK, A.R. CRUZ, P. FÉLIX. (1992). Anta 1 de Val da Laje 1989/90 - The excavation of a passage grave at Tomar (Portugal), *Bull. Inst. Arch.* 1992: (no prelo).
- FORTEA PEREZ, J., B. MARTI OLIVER. (1985). Consideraciones sobre los inicios del Neolítico en el mediterraneo Español. *ZEPHYRVS.* 37-38: 167-199.
- GONÇALVES, V. S., A.R. PEREIRA. (1977). Considerações sobre o espólio neolítico da Gruta dos Carrascos, Monsanto, Alcanena. *O Arqueólogo Português.* 3ª série, 7/9: 49-87.
- GONÇALVES, V. S. (1978). Para um Programa de Estudo do Neolítico em Portugal. *ZEPHYRVS.* 28-29: 148-62.
- GUILAINE, J., O. V. FERREIRA. (1970). Le néolithique ancien au Portugal. *BSPF, Études et Travaux.* 1: 304-322.
- INACIO, L. R. , M.G.SANTOS. (1992). *Arqueologia Espacial - Povoado do Maxial* (relatório policopiado).
- JORGE, V. O. (1986). Monumentalização e Necropolização no megalitismo europeu. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia.* XXVI.
- JORGE, V. O. (1989). Arqueologia Social dos sepulcros megalíticos atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais. *Rev. Fac. Letras Porto.* 6 (2ª série): 365-443.
- JORGE, S. O. (1990a). Dos Últimos Caçadores-Recolectores aos Primeiros Produtores de Alimentos. *Portugal das Origens À Romanização.* Lisboa, Presença.
- JORGE, S. O. (1990b). A Consolidação do Sistema Agro-Pastoril. *Portugal das Origens à Romanização.* Lisboa, Presença.
- JORGE, V. O. (1990a). O Neolítico - A Emergência das Sociedades Agrícola-Pastoris na Perspectiva da Pré-História. *Arqueologia em Construção. Ensaio.* Lisboa, Presença.
- JORGE, V. O. (1990b). O «Languedocense». *Arqueologia em Construção. Ensaio.* Lisboa, Presença.
- LEWTHWAITE, J. (1986). The transition to food production: a Mediterranean perspective. M.Zvelebil (ed.). *Hunters in Transition. Mesolithic Societies of Temperate Eurasia and their transition to farming.* Cambridge, Cambridge University Press.
- LEWTHWAITE, J. (1992). Cardial disorder: ethnographic and archaeological comparisons for problems in the early prehistory of West Mediterranean. *Le Néolithique Ancien Méditerranéen.* Montpellier,
- LILLIOS, K. (1991). *Competition to fission: the Copper to Bronze age transition in the lowlands of West-Central Portugal (3000-1000 BC).* (tese de Doutoramento, policopiada).
- MAURÍCIO, J. (1986). Neolítico na sala do Ricardo *Almondinha.* 1: 24-26; 2 lâm.
- NOCETE, F. (1989). *El espacio de la coerción. La transición al estado en las campiñas del Alto Guadalquivir (España).* BAR IS. Oxford.
- NOGUEIRA, A. M., M. VAULTIER, G. ZBYSZEWSKI. (1941). Primeiras Pesquisas na Grutas do Almonda. *Broteria.* 32: 67-68.
- OLIVEIRA, H. N., L. OOSTERBEEK. (1987). Neolitização dos Concelhos de Rio Maior e Tomar. A. P. Manique (ed.). *Temas de História do Distrito de Santarém.* Santarém, Escola Superior de Educação de Santarém.

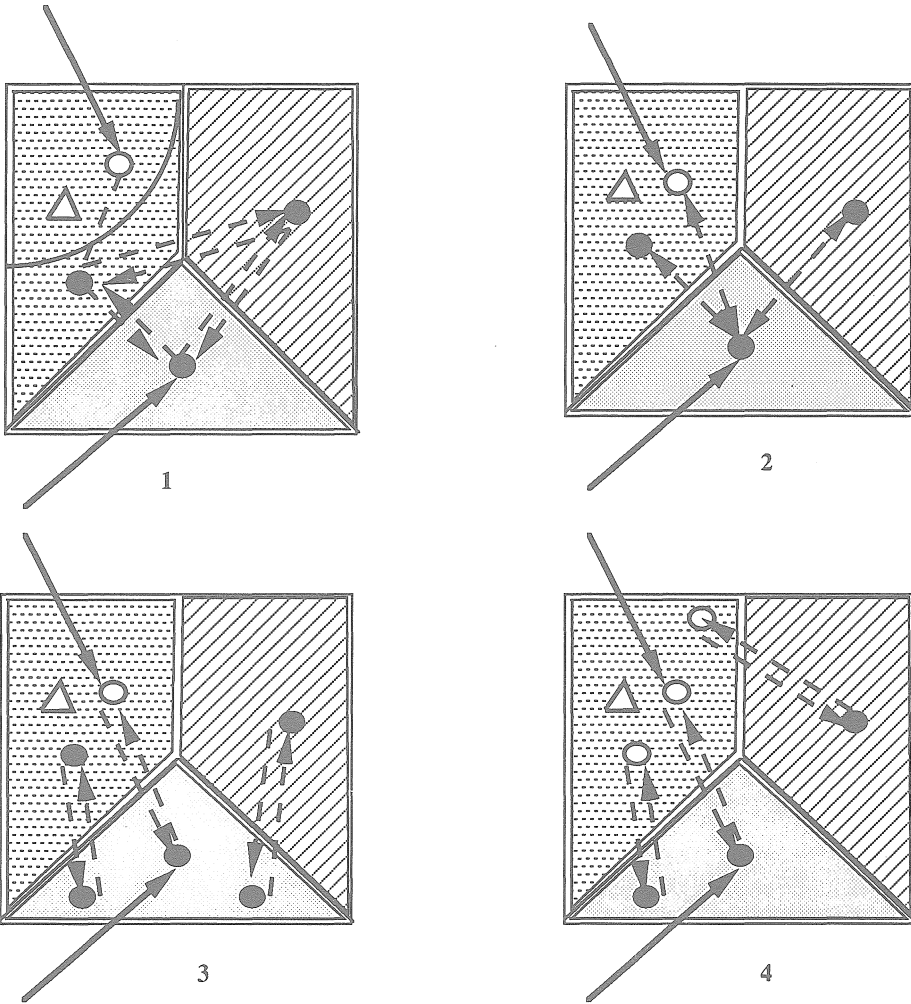
- OOSTERBEEK, L. M. (1985a). A Facies Megalítica da Gruta do Cadaval (Tomar). GTPEQ. *Actas da 1ª Reunião do Quaternário Ibérico*. Lisboa.
- OOSTERBEEK, L. (1985b). Elementos para o estudo da Estratigrafia da Gruta do Cadaval (Tomar) *Almadan*. 4/5: 7-12.
- OOSTERBEEK, L. (1987). Projecto de Estudo da Neolitização do Vale do Nabão. A Gestão dos Espaços e os Métodos de Abordagem. A. P. Manique (ed.). *Temas de História do Distrito de Santarém*. Santarém, Escola Superior de Educação de Santarém.
- OOSTERBEEK, L. (1988). "Para a revisão da Neolitização da região de Torres Novas." *Almondinha*. 1: 10-12.
- OOSTERBEEK, L. (1992). Megalitismo e Necropolização no Alto Ribatejo - o IIIº milénio. *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal" 20 a 22 de Novembro / 1992 - Mangualde* (no prelo).
- OOSTERBEEK, L. M. (1993a). Back Home! Neolithic Life and the Rituals of Death in the Portuguese Ribatejo. *The Human Use of Caves. Newcastle upon Tyne, International Conference at Newcastle upon Tyne* (no prelo).
- OOSTERBEEK, L. (1993b). Gruta dos Ossos (Tomar). Um ossuário do Neolítico final. *Bol. Cult. C.M.T.* 18.
- OOSTERBEEK, L. (1993c). Tecnologia, Economia e Simbolismo no Neolítico Antigo do Alto Ribatejo - aspectos de renovação, interação e convergência. *Dia da Ciência 1993*, Tomar (no prelo).
- OOSTERBEEK, L. (1993d). Nossa Senhora das Lapas - excavation of Prehistoric cave burials in Central Portugal. *Papers of the Institute of Archaeology* 4: 49-62.
- OOSTERBEEK, L., A.R. CRUZ. (1991). A Arqueologia da Morte: considerações a propósito da interpretação dos contextos sepulcrais na região de Tomar. *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar* 15.
- OOSTERBEEK, L., A.R. CRUZ, C. PIRES, L. V. SÁ., C. PARRACHO. (1992). Notícia do restauro de sete vasos pré-históricos da Gruta da Rexaldia *Bol. Cult. C.M.T.* 16: 67-76.
- OOSTERBEEK, L., A.R. CRUZ, P. FÉLIX. (1992). Anta 1 de Val da Laje: notícia de 3 anos de escavações (1989-91) *Bol. Cult. C.M.T.* 16: 31-49.
- OOSTERBEEK, L., A.R. CRUZ. (1992). O rio Nabão há 4000 anos. O Povoado da Fonte Quente e o mais antigo povoamento no vale do Nabão. *Bol. Cult. C.M.T.* 17: 27-42.
- OOSTERBEEK, L., A.R. CRUZ. (1993). Amoreira: Novos elementos para a compreensão da transição do Mesolítico para o Neolítico no Alto Ribatejo. *Bol. Cult. C.M.T.* 19.
- PAÇO, A. G. Z., O.V. FERREIRA. (1971). Resultados das escavações na Lapa da Bugalheira (Torres Novas). *Comunicações dos Serviços geológicos de Portugal*. 55: 23-47; 11 lâm.
- RAPOSO, L., A.C. SILVA. (1984). O Languedocense: ensaio da caracterização morfológica e tipológica. *O Arqueólogo Português*. 2 (4ª série): 87-166.
- SÁ, M. C. M. (1959). A Lapa da Galinha. *Actas e Memórias do 1º Congresso Nacional de Arqueologia*, Instituto de Alta Cultura. : 117-28, 10 lâm.
- SILVA, C. T., ET AL. (1985). Para o estudo das comunidades neolíticas do Alentejo Litoral: o concheiro do Medo Tojeiro. *Arqueologia* 11: 5-15.
- VAQUER, J. (1989). Innovation et inertie dans le processus de neolithisation en languedoc occidental. J. C. Aurenche(ed.). *Néolithisations*. Oxford, BAR International Series.
- VAQUER, J. (1990). *Le Néolithique en Languedoc Occidental*. Toulouse, Éditions du CNRS.

- VILAÇA, R. (1989). *Subsídios para o Estudo de Pré-História Recente do Baixo Mondego*, Trabalhos de Arqueologia, Lisboa, IPPC.
- ZILHÃO, J. (1987). A Gruta do Caldeirão (Pedreira, Tomar). Balanço de sete anos de escavações arqueológicas (1979-1985) *ALGAR*. 1: 29-38.
- ZILHÃO, J. (1990). Le Processus de Neolithisation dans le Centre du Portugal. M. Otte, D. Cahen. *Rubané & Cardial*. Liège, Etudes et Recherches Archéologiques de l'Université de Liège.
- ZILHÃO, J., J. MAURÍCIO, P. SOUTO. (1991). A Arqueologia da Gruta do Almonda (Torres Novas). Resultado das escavações de 1988-89. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- ZILHÃO, J. (1992), *Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo*. Lisboa, IPPAAR.

Est. I

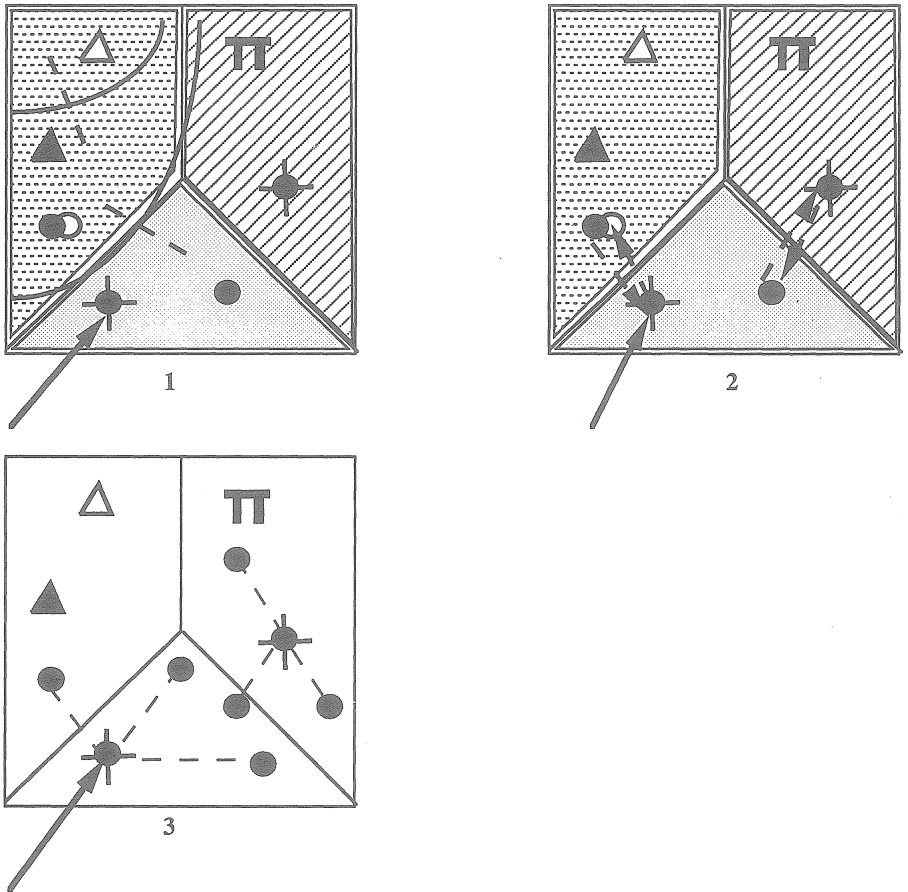


Correspondência entre as fases e as principais seqüências estudadas.



Fase 2: variantes do modelo. A negro: estações de tradição languedocense. A branco: estações de tradição cardial. Triângulos: necrópoles de gruta. Círculos: povoados. Tracejado: zona calcárea. Linhas oblíquas: Maciço Antigo. Pontilhado: bacia terciária.

Est. III



Fase 4: variantes do modelo. A negro: estações de tradição languedocense. A branco: estações de tradição cardial. Triângulos: necrópoles de gruta. Círculos: povoados. Tracejado: zona calcárea. Linhas oblíquas: Maciço Antigo. Pontilhado: bacia terciária.